



Biograph



GÊNERO, ESCOLA E PATRIARCADO: HISTÓRIAS DE VIDA DAS MULHERES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Silvia Regina Pomatti Sonza
IFRS – Campus Bento Gonçalves
E-mail: spsonza@yahoo.com.br

Edson Carpes Camargo
IFRS – Campus Bento Gonçalves
E-mail: edson.camargo@bento.ifrs.edu.br

RESUMO

O poder do homem sobre a mulher perpassa por todas as classes sociais, pelas populações brancas ou não e é validado em muitas religiões. Ao longo do tempo, a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher instituiu o caminho mais fácil e mais curto para legitimar a considerada “superioridade” daqueles que se autorizam a controlar o poder econômico e político. Assim, crescemos absorvendo e reproduzindo os valores masculinos como verdades “universais”, consolidando a realidade que nos condiciona. Este estudo tem por objetivo analisar as vivências de algumas mulheres que abandonaram a educação escolar quando eram mais jovens e o que as levou a retornarem aos estudos buscando a Educação de Jovens e Adultos para dar continuidade a sua escolarização. Diante disso, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com três mulheres da Educação de Jovens e Adultos, com idades entre 50 e 75 anos residentes no município de Bento Gonçalves, região da Serra Gaúcha, que há muito deixaram os bancos escolares e que agora estão estudando novamente. A partir da narrativa de suas histórias de vida, tomando as contribuições de Josso (2006, 2007), pretende-se problematizar os motivos pelos quais interromperam os seus estudos buscando relacionar as suas narrativas com as relações de gênero e o patriarcado a partir das contribuições teóricas de Safiotti (1987), Scott (1995) e Perrot (1992) dentre outr@s. Neste cenário centra-se a relevância deste estudo, buscando ouvir vozes, muitas vezes silenciadas, das mulheres que deixaram seus estudos e que, tempos depois, retornam aos bancos escolares.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Gênero. Patriarcado.

INTRODUÇÃO

**VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica
UFMT – Cuiabá – 17 a 20/07/2016
Anais VII CIPA – ISSN 2178-0676**

“Historicamente, o patriarcado é o mais antigo sistema de dominação-exploração” (SAFFIOTI, 1987, p 60). Não gosto muito de iniciar um parágrafo com citação direta, mas não poderia deixar passar esta afirmação tão contundente da Saffioti. A autora justifica com propriedade a sua colocação argumentando que o racismo viria na sequência, logo após o patriarcado, na medida em que alguns povos tentam conquistar outros, menos preparados para a guerra. A dominação-exploração do homem sobre a mulher estendeu-se aos povos derrotados. Tais mulheres eram transformadas em parceiras sexuais, e até mesmo violentadas pelos guerreiros vitoriosos. Isso ainda ocorre nos dias de hoje¹. Tanto o patriarcado quanto o racismo, não são frutos do capitalismo, uma vez que já existiam nos primórdios da Grécia e Roma antigas. Com o passar dos anos transformaram-se num único sistema de dominação-exploração, denominado patriarcado-racismo-capitalismo (SAFFIOTI, 1987).

Sendo assim, o patriarcado pode ser definido como o conjunto de relações sociais que tem uma base material e no qual há relações hierárquicas entre homens, e solidariedade entre eles, que os possibilitam controlar as mulheres. Patriarcado é, pois, o sistema masculino de opressão das mulheres (SAFFIOTI, 1987).

O poder do homem sobre a mulher transcorre por todas as classes sociais, pelas diversas etnias e é validado por inúmeras religiões. Ao longo do tempo, a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais, institui o caminho mais fácil e curto para legitimar a dita “superioridade” daqueles que controlam o poder econômico e político, um poder que tem gênero e cor, é macho e é branco. É neste cenário que crescemos absorvendo e reproduzindo os valores masculinos como verdades “universais” consolidando a realidade que nos condiciona.

Diante disso, este estudo tem por objetivo analisar as vivências de algumas mulheres que abandonaram a educação escolar quando eram mais jovens, numa tentativa de identificar o que as levou a retornarem aos estudos buscando a Educação de Jovens e Adultos para dar continuidade a sua escolarização, intencionando buscar nas histórias de vida das estudantes da Educação de Jovens e Adultos uma relação entre gênero e

¹ Exemplo disso foram as grandes guerras na Bósnia-Herzegovina e o Holocausto, nas quais as mulheres sofreram o estupro, os maus-tratos e a violação do corpo.

patriarcado. Para tanto, trouxemos as contribuições de Josso para a pesquisa qualitativa, possibilitando o ato de contar a própria história, refazendo-se permanentemente como sujeito de si e do mundo.

PERCURSO METODOLÓGICO

O primeiro desafio deste estudo é tentar compreender como nos tornamos o que somos, revisitando nossas próprias histórias. Abrir os “baús” de nossas memórias é possibilitar identificar no que nos tornamos e o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e sobre nosso ambiente humano e natural.

[...] porque a educação e formação são processos de transformação, múltiplos projetos habitam, tecem, dinamizam e programam os relatos das histórias de vida e também nos informam sobre os desejos de ser e de vir a ser de seus autores (JOSSO, 2006, p. 27).

As histórias de vida nos permitem obter informações na essência subjetiva de uma pessoa. Se quisermos saber a experiência e a perspectiva de um determinado sujeito, não há melhor caminho do que obter informações através da própria voz da pessoa. O método utiliza-se das trajetórias pessoais no âmbito das relações humanas. Ao sujeito, dá-se liberdade para dissertar livremente sobre uma experiência pessoal em relação ao que está sendo investigado pelo pesquisador.

Na medida em que tenho me dedicado a pesquisas envolvendo memória verifico com maior acuidade não só a riqueza de uma pesquisa com tal objeto, como a necessidade de imprimir caráter formal e sistemático ao que, num primeiro momento, mais configurava como nostalgias da meia idade. (FISCHER, 2006, p. 76).

A narrativa dá ânimo à memória e quando ela é expressa, desenvolve-se um processo contínuo de transformação, reconstrução e atualização das experiências lembradas.

Quando expomos o nosso passado, mesmo que seja uma ínfima parte, estamos trilhando um caminho em busca de nós mesmos, das nossas origens, das nossas conquistas e derrotas, dos nossos encontros e desencontros; ao mesmo tempo, estamos procurando compreender quem fomos e o que somos.

Este estudo foi realizado com três mulheres, estudantes da Educação de Jovens e Adultos de uma Escola Estadual, localizada no município de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul. As estudantes frequentam as turmas de Alfabetização, Totalidades 1 e 2, e narraram suas histórias de vida por meio de entrevistas semi-estruturadas. O primeiro bloco de questões apontava para dados voltados para a família, o segundo bloco tencionava questões voltadas para o ambiente escolar e para a frequência às atividades escolares. Por fim, o terceiro bloco focava na discriminação, no incentivo e na importância de ter retomado os estudos. Cada entrevista durou, aproximadamente 30 minutos e possibilitou que fossem abertos vários “baús” de memórias.

ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Ao pensarmos na memória relembremos da infância, dos momentos passados, dos que ficaram marcados em nossa vida, e é isto que defino como memória: as lembranças, as ações que estão incluídas em nossa história, que fazem parte de nós, nos acompanham desde o dia que nasceram em nossa vida e nos escoltarão até o dia que tivermos memória.

Para conhecermos alguém é preciso aprender a ouvir sua história de vida, para que, a partir dela, possamos compreender suas conquistas, angústias e decepções que fizeram parte de sua trajetória. Neste estudo, me coube ouvir as histórias de vida de três mulheres, as quais serão aqui nominadas de Margarida² (73 anos), Begônia (68 anos) e Orquídea (50 anos).

Ao descrever sua história, os indivíduos revivem suas trajetórias. E é através das histórias de vida que @s professor@s podem se aproximar e se inserir no contexto d@s student@s, interagindo e participando de suas vivências e preocupações existenciais, como ocorreu durante a realização deste estudo, pois as participantes sentiram-se valorizadas e demonstraram muito interesse em participar da pesquisa.

² Visando manter a privacidade das entrevistadas, optamos por nominá-las com nomes fictícios e, para isso, escolhemos os nomes de flores.

Com base nas narrações e falas das estudantes foi possível entrar nas suas histórias de vida. Neste primeiro momento, apresento os motivos pelos quais as três não frequentaram a escola na idade adequada.

[...] eu tinha que trabalhar ajudar meus pais na roça né, pra se sustentar. (Orquídea).

[...] minha mãe adoeceu... teve um filho... e ela ficou de cama... e ela tava na cama! Fazer o quê? Eu era a mais velha, tinha que alguém cuidar, eu tinha pena e o meu pai não tinha dinheiro, e aí eu criei eles, eu lavava roupa, fazia comida, tudo! Eles iam para o colégio e eu fiquei pra trás! (Margarida).

É possível identificar nas falas acima, o quanto as relações de gênero estão estabelecidas e se fazem presentes os “ensinamentos” do patriarcado. Para Margarida, cabia a ela, como irmã mais velha, realizar as atividades da casa, permitindo aos outros que estudassem. Essa relação de cuidado com o restante da família ainda é muito presente nas questões que envolvem as mulheres. Cabe-lhes, conforme o discurso do patriarcado, os cuidados com o “lar” e com as pessoas que com ela convivem dentro da casa, seja o seu esposo, filhos e, até mesmo, sogro e sogra, os quais também ficavam sob sua responsabilidade.

As estudantes entrevistadas apresentaram semelhanças nas vivências; cursaram pouco tempo as primeiras séries dos anos iniciais da escolarização e deixaram os estudos por questões familiares e principalmente financeiras. Quando o assunto foi a importância de estar estudando, elas relataram que:

[...] eu acho que eu tenho mais conhecimento [...] conhecimento com as coisas, também com os políticos. Naquela época, nem sabia o que era, hoje, eu sei quem rouba e quem não rouba, não que eu sei, que eu enxergo, mas pela fala das pessoas, conhecimento, leio bastante, fico batendo papo, com os professores também. (Margarida)

Outro tópico abordado durante as entrevistas, foi o incentivo recebido das famílias, com a intenção de verificar se estas mulheres, depois que retornaram aos bancos escolares, receberam atenção de seus familiares. Nesse sentido, destacamos a fala de Begônia, a qual acentua que a principal referência aos seus estudos vem do sentimento de orgulho que suas têm dela. Esse sentimento de orgulho e que se reflete em incentivo para as mulheres que estudam na EJA, quase sempre vem de seus/suas filh@s, apesar destas mulheres serem casadas. São poucos os relatos que aparecem o incentivo vindo por parte dos maridos demonstrando que a força do patriarcado se sente ameaçada neste cenário.

[...] a minha filha que mora em Curitiba, que tem 45 anos, ela se orgulha e ela fala pra todo mundo lá em Curitiba: a minha mãe com 66 anos, ela voltou a estudar. As outras minhas filhas, passam, pegam o caderno e olham, elas ficam admiradas. Eu saio de casa de noite e elas ficam cheias de orgulho! (Begônia)

De todo o estudo, cabe ressaltar a aproximação entre as pesquisadas e a pesquisadora, pessoas que fazem parte da minha história e com as quais muito aprendi, que possibilitaram [re]lembrar minhas histórias e me permitiram fazer parte das suas memórias, através das suas narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar as histórias de vida é fazer parte delas, é sentir o que é contado, e foi isso que eu me permiti nessa pesquisa: aproximar-me das histórias das estudantes e viver suas memórias com o objetivo de avaliar, por meio da análise das narrativas de vida, que memórias as estudantes da Educação de Jovens e Adultos apresentam do contexto escolar e, ainda, identificar como consideram a falta da instituição de ensino em suas vidas.

Para as mulheres pesquisadas neste estudo, estar na Educação de Jovens e Adultos é resgatar o tempo perdido, por isso, preocupam-se em aprender e compreender as atividades, assimilando as informações ao mesmo tempo em que se apropriam do conhecimento que, para elas, fazia falta em suas vidas.

Ouvir suas histórias, possibilitou compreender um pouco mais de como as relações

de gênero se articulam com o patriarcado e com essas mulheres terem deixado de frequentar a escola. Possibilitou compreender como, ainda hoje, muitas mulheres deixam de viver a sua vida para serem as responsáveis pelas atividades domésticas, o cuidado com os filhos, o bem estar do marido, a moral e os bons costumes.

BIBLIOGRAFIA

FISCHER, Beatriz Teresinha Daudt. Trajetórias de Escolarização: marcas que ficaram a partir de memórias da vida cotidiana. **Revista de Ciências Humanas**, São Leopoldo, v. 7, n. 8, p.13-30, 2006.

JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação:: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p.373-383, 2006.

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, Porto Alegre, v. , n. 3, p.413-438, dez. 2007.

MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p.289-300, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna Ltda, 1987.

SANTÍN ESTEBAN, M. Paz. **Pesquisa qualitativa em educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

SOUZA, Francisco das Chagas Silva. Memórias da escola e escolarização. **Educação em Questão**, Natal, v. 52, n. 38, p.284-287, 2015.